

PODE UMA QUILOMBOLA FALAR?¹

Joseli do Nascimento Cordeiro²

RESUMO:

As discussões e momentos ofertadas pelo componente curricular “História, Memória e Identidade” oferecida pelo programa de pós graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará-UFC são o objeto de análise e construção da presente escrita que está permeada por questões e abordagens possíveis para pensar, pesquisar e escrever sobre quilombos, oralitura, transmissão de saberes, memória dentre outros. A experiência foi permeada de possibilidades de abordagens de caminhos viáveis e necessários para fazer pesquisa dentro da universidade, a partir de alternativas não eurocêntricas, uma escrita que não precisa ser desvinculada da trajetória de quem escreve. Metodologicamente essa discussão se ampara nos textos e materiais fornecidos durante o curso, bem como das experiências que advém do próprio quilombo que pertence, Batoque (Ceará), tomando como inspiração métodos de pesquisa tais como a “Com os pés na lama e o corpo imerso nas águas...” de autoria de Eleonice Sacramento (2019).

Palavras-chave: quilombos; componente curricular; universidade.

ABSTRACT:

The discussions and experiences provided by the " História, Memória e Identidade " course offered by the História Social, postgraduate program at Universidade Federal do Ceará-UFC are the object of analysis and construction of this writing, which is permeated by questions and possible approaches to thinking, researching and writing about quilombos, oralitura, knowledge transmission, memory, among others. The experience was permeated by possibilities of approaches to viable and necessary paths to do research within the university, from non-Eurocentric alternatives, a writing that does not need to be disconnected from the trajectory of the writer. Methodologically, this discussion is based on the texts and materials provided during the course, as well as on the experiences that come from the quilombo I belong to, Batoque (Ceará), taking as inspiration research methods such as "Com os pés na lama e o corpo imerso nas águas..." authored by Eleonice Sacramento (2019).

Keywords: quilombos; discipline; university.

¹ Algumas das reflexões aqui tratadas foram apresentadas de forma parcial na modalidade Comunicação Oral no evento XV CONLAB e IV CONAILPcsh em Novembro de 2023.

² Quilombola, mestranda cotista, bolsista CNPq em História Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Membro do grupo de pesquisa “Caldeirão: Confluências anticoloniais” (UFC) e colaboradora do grupo de pesquisa Lélia Gonzales da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB): E-mail: jdonascimentocordeiro@gmail.com.

As universidades, elas não buscam confluência. Elas buscam influência. E quando a gente chega na universidade tentando confluir, elas se esquivam. Elas tentam nos influir. A universidade não é um espaço de confluência, ela é um espaço de transfluência, então a universidade é uma fronteira entre o saber orgânico e o saber sintético...

–**Nego Bispo**

(Entrevista cedida a Dandara Dorneles em 2021)

INTRODUÇÃO

O acesso dos sujeitos considerados pertencentes aos povos e comunidades tradicionais (PCT's) no Brasil tem ganhado força e visibilidade nas últimas décadas, isso se deve principalmente à pressão e luta dos mesmos ao longo da História para adentrar a esses espaços, tendo como resultado desse processo algumas vitórias que foram alcançadas no que se refere à garantia de seus direitos, tais como a lei 12.711/2012, também conhecida como “lei de cotas”. Em resumo, a lei citada destinou 50% das matrículas das então 59 Universidades Federais e 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia para alunas/os oriundos de escolas da rede pública.

Ainda dentro dessa soma de 50% de reserva de vagas deve-se considerar a renda per capita dos estudantes provenientes das escolas públicas, sendo metade delas para estudantes com renda inferior ou igual a

um salário mínimo e meio e a outra metade para aqueles com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Nesse cálculo matemático ainda devem ser considerados a soma de pretos, pardos e indígenas de cada Estado. Entender esses números se faz necessário para percorrermos o contexto e local em que a temática do componente escolar “História, Memória e Identidade” analisada nesse texto está inserida, afinal é devido ao sistema de cotas que inclusive este texto está sendo escrito.

Importante também discutir o local ao qual se insere não somente o componente “História, Memória e Identidade”, mas também a mim, estudante cotista do PPG de História Social. O local a que me refiro é a Universidade Federal do Ceará - UFC, instituição que possui 69 anos de existência, localizada na cidade de Fortaleza, capital do Estado. Mesmo tendo mais de meio século de existência, a

referida instituição somente a partir de 2013 passou a adotar sistemas de cotas.

No ano de 2021, oito anos depois da aplicação de cotas, a UFC, mas especificamente o Programa de Pós-Graduação em História Social da referida universidade, lança em seu edital, pela primeira vez, vagas para quilombolas e indígenas, um marco para a universidade em questão, fruto da insistência e resistência de nós, enquanto povos tradicionais e de outros movimentos sociais que contribuem com nossas pautas

Embora reconheça como marco para instituição, não me refuto a também viabilizar a negligência da mesma que somente em 2021 propôs um edital com vagas referentes a esses grupos, principalmente se considerarmos que segundo o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE, o Estado do Ceará possuía 53.353 pessoas que se auto declararam indígenas e 23,955 ³ mil quilombolas. Ou seja, a aplicação de reserva de vagas já se encontra em atraso mediante ao tamanho do público que deveria atender.

Parto da premissa antiga de que o que nos falta é oportunidade e não

capacidade, sendo assim, com a publicação do edital, tanto quilombolas quanto indígenas se inscreveram para disputar as vagas no processo seletivo, que teve como resultado minha inserção no mestrado juntamente com uma colega indígena do povo Atikum, localizado no Município de Pernambuco; a nível de doutorado foi selecionado um companheiro quilombola, João do Cumbe.

Adentrar aos portões universitários é o primeiro grande desafio, o segundo, e talvez ainda mais desafiador, é a permanência. Muitos são os fatores que nos fazem duvidar se estamos no “lugar certo”, devido à distância tanto física quanto simbólica entre as comunidades e as universidades; ainda há a falta de auxílio financeiro para alimentação, moradia e compra de materiais. Na grande maioria dos casos, é necessário morar fora dos territórios indígenas e quilombolas para conseguir assistir as aulas e participar dos eventos acadêmicos. Esse deslocamento nos coloca quase sempre em um ambiente que não está preparado para nossa chegada, seja por parte do corpo docente que está acostumado com um tipo específico de estudante, no qual não nos

³ Todos os resultado do censo realizado em 2022 ainda estão sendo disponibilizados, porem sobre as comunidades quilombolas é possível verificar os dados por Estado brasileiro

no link a seguir <[Brasil tem 1,3 milhão de quilombolas em 1.696 municípios | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](https://brasil.inec.gov.br/pt-br/indicadores/13-milhao-de-quilombolas-em-1696-municipios)>

enquadramos, seja pela matriz curricular que ainda não dá conta de atender as demandas de pesquisas plurais.

Sendo assim, a presente escrita se coloca a pensar e problematizar de forma mais direcionada sobre corpo docente e currículo, tendo como elemento central o componente “História, Memória e Identidade” enquanto materialidade e reflexão. Não significa dizer que as problemáticas sobre auxílios para estudantes, transporte escolar e alimentação não existam, no entanto, a priori, estas não se fizeram presentes, pois quando ocorreu a experiência aqui dialogada, a universidade se encontrava com aulas remotas devido a pandemia de Covid 19. Sendo assim, estes pontos não serão abordados no momento. Volto então para os pontos inicialmente elencados nesse parágrafo, o currículo e corpo docente.

Para nós cotistas, foi grande a alegria ao acessar um componente curricular que nos ajudou a localizar nossos temas de pesquisa numa perspectiva contra-hegemônica, ministrada por dois professores negros, numa universidade majoritariamente branca, idealizada pelos Professores Dr Leandro Santos Bulhões de Jesus e Dr. Arilson dos Santos Gomes. Na

apresentação da ementa, os professores apresentaram questões importantes para o debate:

Com o advento das políticas públicas específicas e das ações afirmativas reivindicadas pelos movimentos sociais negros, indígenas e quilombolas, os chamados novos sujeitos coletivos de direito ingressaram nos espaços acadêmicos brasileiros, trazendo à tona uma série de questões associadas às relações de poder na produção, circulação e consumo dos conhecimentos. A despeito da pretensa objetividade do cientificismo ocidental, um dos resultados desse processo recente é o reconhecimento de que a identidade e sua afirmação, as experiências e as trajetórias dos sujeitos se constituem como elementos legítimos nas reflexões sobre as diversidades epistemológicas: seus usos e potências dentro e fora das universidades. (JESUS; GOMES, sd)

Motivados pelo que “prometia” a ementa e instigados por acessar outras perspectivas que melhor abarcassem nossas pesquisas, passaram a se reunir um grupo de aproximadamente 15 pessoas durante um semestre todas as terças-feiras das 14 às 18 horas; um público diverso (negros, quilombolas, indígenas, gays, transgêneros, estrangeiros etc.) tanto do curso de História como de outras áreas do saber. A metodologia dos encontros era composta da prévia disponibilização de textos e em seguida apresentação e discussão em grupo. Os textos e materiais ofertados eram de autoria de sujeitos múltiplos, com as diversidades

consideradas, tendo em vista o que se havia proposto na ementa e as pessoas inscritas na componente curricular.

Nas páginas seguintes proponho, metodologicamente a partir dos textos de Grada Kilomba (2019); Beatriz Nascimento (1974); Antonio Bispo dos Santos (2015); Hampatê Bá (2010); Leda Maria Martins (2003) e do filme *Keita: A Herança Do Griot* (KEITA...,1997), discutir conceitos como quilombo, oralitura, transmissão, colonização e afropindorama, tendo como fio condutor o território de Batoque e minha vivência enquanto uma quilombola pesquisadora no espaço universitário.

2- EU E A COMPONENTE CURRICULAR DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE: DIÁLOGOS E CAMINHOS POSSÍVEIS.

Pode uma quilombola falar? Pode uma quilombola escrever? Parafraseio as palavras de Spivack apresentadas a mim por Grada Kilomba (2019) no texto *Quem pode falar? Falando do Centro, descolonizando conhecimento*, para iniciar essa escrita. Embora tenha sido um dos últimos textos lidos no semestre de estudos, considero que a autora conseguiu traduzir o sentimento de todos nós que somos fortemente racializados pela

sociedade quando adentramos espaços de poder como a Academia. Em seu texto, ela narra e discute como nossa fala é enxergada:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós” (KILOMBA, 2019, p. 51).

Suas palavras geraram uma forte identificação em mim, principalmente, por estar agora trilhando o caminho do Mestrado e ter sido por diversas vezes junto com minha comunidade “objeto de pesquisa” de trabalhos que concederam títulos a pessoas que jamais retornaram à comunidade, pessoas que somente nos enxergaram como um assunto a ser pesquisado. E quando uma de nós adentra a esses espaços elitizados como as universidades, necessitamos estar constantemente convencendo à nós e aos outros que o jeito como falamos, pesquisamos e escrevemos é válido, é legítimo.

É uma tarefa fácil? Obvio que não. Mas nossos processos de luta têm obtido alguns resultados, a título de exemplo: o curso de Pós-Graduação em que me encontro. Entrei por um edital específico com vagas destinadas a quilombolas e

indígenas. Porém, é importante registrar que não basta estar dentro, é preciso se cercar de suportes (pessoas, textos, diálogos, grupos, dentre outros) para que a permanência em tal processo seja menos solitária, menos eurocentrada.

Eu escrevo a partir do chão onde eu piso: O quilombo de Batoque. É dele e com ele que me propus a trilhar esse caminho acadêmico. Batoque é conhecido de diferentes maneiras a depender de quem está falando, escrevendo ou perguntando. Para a elite de Pacujá, município do Ceará, onde geograficamente se situa o quilombo, somos um conjunto de “*negros folgados e briguentos*”. Para as comunidades circunvizinhas, somos os “*carocinhos de ata*”⁴, “*o povo que parece dominó*”⁵ e em uma das muitas visões superficiais do governo, somos uma das 2.819 comunidades certificadas pela Fundação Cultural Palmares.

No entanto, somos mais do que essas definições superficiais e racistas. Meu povo tem história, tem modo de vida, tem ensinamentos, tem conhecimentos, tem território, e embora já soubesse de tudo

isso, alguns materiais acima citados, foram fundamentais para que minha compreensão fosse mais bem direcionada e principalmente para me aproximar de autoras e autores não somente pela temática, mas também pela trajetória.

O primeiro material que gostaria de fazer referência é o texto de Beatriz Nascimento *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra* (1985). Devo dizer que a escrita da autora me encantou, inicialmente porque ela faz um estudo sobre quilombos de modo aprofundado, não os folcloriza; estuda sobre os quilombos angolanos, bem como os quilombos brasileiros, refletindo sobre o que os negros afrodiáspóridos no Brasil incorporaram de sua cultura africana e critica, já na década de 1970, os poucos trabalhos que se dedicavam a pensar os quilombos brasileiros, afirmando que:

Falta ainda um esforço historiográfico de, ao estudar os quilombos brasileiros, defini-los segundo suas estruturas e sua dinâmica no tempo. De um modo geral define-se quilombo como se em todo o tempo de sua história fossem aldeias do tipo que existia na África, onde os negros se refugiavam para “curtir o seu banzo” (NASCIMENTO, 1985, p 44).

⁴ Nome utilizado dado a comunidade de Batoque de forma racista fazendo alusão a cor dos moradores, tendo em vista que os caroços da ata, pinha ou fruta-do-Condé (família das anonáceas) são pretos. Normalmente utilizados em contextos como “piadas”.

⁵ Termo utilizado para zombar de momentos principalmente de luto da Comunidade, destacando que quando acontece algo com algum dos membros todos “caem”.

Beatriz Nascimento, ao passo que criticou os poucos estudos sobre quilombos brasileiros, fez suas pesquisas no sentido de dar mais abrangência à temática quilombola, se negando a acreditar que os mesmos teriam desaparecido após a abolição, trazendo o debate para o presente, fazendo estudos, principalmente relatórios, em que mostravam que comunidades negras continuavam ocupando o mesmo território que seus antepassados habitavam; que esses povos ainda mantinham um jeito próprio de viver. Muito além de um local de fugidos, Nascimento diz:

(...) meu estudo do quilombo se prende a essa perspectiva de organização social do quilombo, uma organização social que tinha uma economia própria que tinha relações próprias e que fundamentalmente era não só uma necessidade de resistência cultural, mas também de resistência racial do negro (NASCIMENTO, 1977, p. 129)

É esse pensar o quilombo como uma organização, não meramente criada para se contrapor o escravismo, que torna Beatriz tão à frente do seu tempo. Nessa linha é que meu trabalho sobre o quilombo de Batoque caminha, tendo em vista que nossa formação não se dá pelo mecanismo da fuga, pois meu bisavô e minha bisavó (Mãe Paz e Joaquim), matriarca e patriarca de todos os batoqueiros e batoqueiras, viveram e habitaram nosso território a partir de seus referenciais históricos

africanos e ao longo dos anos agregaram saberes dos povos originários, onde podiam viver segundo seus valores e crenças, na [...] tentativa de independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si”. (NASCIMENTO, 1977, p. 129)

Por fim, outra grande contribuição de Nascimento a despeito de Quilombo que gostaria de destacar é o fato da historiadora percebê-lo enquanto um território físico e existencial, a citação abaixo retirada do documentário Ôrí (1989), no qual a mesma é responsável pela pesquisa e narração exemplifica sua colocação sobre tal:

É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (ÔRÍ..., 1989.)

Outro autor que me auxiliou durante a componente curricular a pensar a categoria Quilombo dentro da História foi o Mestre Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), mais especificamente seu livro *Colonização, quilombos: Modos e*

significações (2015). Apesar de ter sido a primeira obra de Bispo lida por mim, as muitas linhas escritas por ele despertaram uma sensação de familiaridade, talvez pelo fato de, tal como eu, ele também ser quilombola e isso refletir em nossas ações cotidianas (como escrever). Somos resultado das nossas experiências e ensinamentos de dentro do quilombo. Ele descreve sua escrita a partir da sua prática de lavrador, sendo assim, planta palavras no papel

escritas para que elas fossem colhidas através dos olhos e armazenadas no depósito das mentes e depois consumidas por todos os sentidos para energizar as nossas ações de defesa (SANTOS, 2020 s.p).

É possível perceber essa plantação dentro de sua obra, seu livro como um todo confluem em direção ao que eu quero e desejo expor, no entanto gostaria de focar aqui em alguns pontos. O primeiro dele é “Afropindorama”, termo criado por ele para descrever a união entre africanos, indígenas e seus descendentes. Ao mobilizar tal conceito, Bispo não tem a intenção de homogeneizar esses dois povos, mas sim evidenciar essas matrizes como exemplos do que ele vai chamar de sociedade colonizadora e contra-colonizadora. Ele fala que a junção entre

pindoramas (indígenas) e africanos foi possível devido ao fato de que

Os povos são trazidos da África para cá e confluem com os povos indígenas pela cosmologia. E mesmo sem falarmos a língua deles, mesmo sem nunca termos nos vistos antes, pelos modos de fazer e jeitos de se comportar, nós nos entendemos. E nunca houve uma guerra entre os povos africanos e os povos indígenas, provocada por eles mesmos. Os conflitos que aconteceram foram todos criados pelos colonialistas. Nós africanos e indígenas confluímos pela cosmologia e, por isso, nos entendemos. (SANTOS. 2019, p. 28)

Ao pensar o conceito “Afropindorâmico” volto imediatamente para meu quilombo, pois a palavra se adequa perfeitamente, desde o fato de destacar nossa formação plural entre negros escravizados/livres e indígenas, até como nossos povos se relacionaram a partir de uma visão de mundo semelhante que se reflete até os descendentes atuais; não houve um apagamento de uma cultura ou modo de ser de um dos dois povos, houve a confluência de saberes, confluência essa que foi e ainda é essencial para existência do quilombo. Compartilhamos uma linguagem cosmológica, através do modo de vida e somente depois que eu tive conhecimento da obra de Bispo que pude compreender melhor o que os meus olhos sempre viram, mas que não tinha ferramentas para analisar.

A palavra seguinte que quero dar destaque é “Biointeração” que, em linhas gerais, se refere ao o conjunto de ações que ocorre dentro do território de forma orgânica, sem que necessariamente haja uma comunicação verbal ou oficial; cito, como exemplo de Batoque , o plantio feito em regime de mutirão: um dia todos os membros da comunidade vão para a lavoura de um dos quilombolas e no dia seguinte o processo se repete com outro morador, nesses espaços todos são permitidos, os homens adultos ou de mais idade vão abrindo os buracos, as mulheres com suas vasilhas de semente vão em seguida depositando a semente e por último vem as crianças cobrindo os buracos com a terra. Ao chegar ao meio dia (que normalmente é medido pela altura do sol) todos se sentam para comer e beber. Caso haja árvores frutíferas próximas as crianças saem para buscar, para que todos possam se alimentar.

Meu objetivo com tal exemplo não é meramente descritivo, o que quero pontuar é que essa dinâmica de interação entre os membros e a natureza não é regida por um manual de conduta, ela acontece de forma orgânica, genuína, a partir de um modo de vida que respeita todas as vidas, que tem uma dinâmica repassada de acordo com os

seus antepassados e com a natureza. Que respeita e acredita que existe um tempo para tudo, como defende o Mestre Bispo.

Foi justamente com o propósito de destruir essa biointeração que ao longo dos anos as sociedades colonizadoras mono-euro-cristãs invadiram, mataram e queimaram o Quilombo de Palmares/AL, Canudos/BA, Caldeirões/CE e Pau de Colher/BA, entre outras tentativas de autodeterminação de projetos expressivamente afropindorâmicos:

Para essas comunidades contra colonizadoras, a terra era (e continua sendo) de uso comum e o que nela se produzia era utilizado em benefício de todas as pessoas, de acordo com as necessidades de cada um, só sendo permitida a acumulação em prol da coletividade” (SANTOS 2015, p 48).

Pensar o quilombo usando como referência Bispo é entender que o embate entre as sociedades colonizadoras e contra-colonizadoras é um processo ainda em curso, são séculos de disputa de visões de mundo.

O que podemos perceber é que essas comunidades continuam sendo atacadas pelos colonizadores que se utilizam de armas com poder de destruição ainda mais sofisticado, numa correlação de forças perversamente desigual. Só que hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam a sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência das nossas

comunidades, ou seja, os nossos territórios e todos os símbolos e significações dos nossos modos de vida. (SANTOS 2015, p 76)

Os textos de Beatriz Nascimento e de Antonio Bispo, embora de períodos diferentes, possuem muitas semelhanças: os dois entendem o quilombo como um espaço muito maior do que simplesmente um reduto de negros em fuga; o percebem enquanto lugar social, de significados e significações, não ficam presos às narrativas de um quilombo colonial ou imperial e transportam de uma forma histórica o quilombo para o presente. Infelizmente, Beatriz Nascimento não pôde concluir suas pesquisas devido ao fato de ter sido vítima de feminicídio, mas seu legado enquanto mulher preta, intelectual, aquilombada, permanece. Antonio Bispo, que também acaba de virar um ancestral⁶, e muitos outros iguais a nós, continuarão a sedimentar essa história de luta e resistência.

Os textos e autores acima tiveram muita relevância, principalmente no que se refere à concepção de Quilombo. Porém, outros elementos são importantes para se pensar a categoria quilombo, dentre eles temos a memória, ela é um componente

essencial, especificamente em se tratando de comunidades tradicionais. As memórias que hoje contam sobre a comunidade são as responsáveis por lembrarmos, cotidianamente, de quem nós somos:

Nós somos sujeitos de memória, qualquer que seja as nossas tradições, nossas histórias, as nossas biografias coletivas e individuais, a memória que nos constitui, a memória não é necessariamente, uma lembrança absoluta, uma totalidade, a memória também é uma construção nós a exercitamos, a construímos, todos os dias, todos os momentos em atividades cotidianas que performamos (LITERAFRO, 2022).

As memórias são dinâmicas, inclusive no seu processo de repasse. Desde pequena sempre ouvi sobre as memórias do quilombo de Batoque, as lembranças eram contadas durante atividades do dia-a-dia, no debulhar da colheita, nas noites sem energia elétrica, nas pescarias, nas rodas de conversa sob os alpendres. As narrativas eram sempre contadas por um mais velho ou por uma mais velha. Mestres e mestras de dentro da comunidade, sabedores das histórias e dos ofícios. Hampâté Bâ em seu texto *A Tradição Viva* (2010) denomina esse fenômeno de cadeia de transmissão.

Em todos os ramos do conhecimento tradicional, a cadeia de transmissão se reverte de uma importância primordial. Não existindo transmissão regular, não

⁶ Nego Bispo ancestralizou em 03 de dezembro de 2023 (N.Ed).

existe ‘magia’, mas somente conversa ou histórias” (BÂ, 2010 p 181).

O respeito pela cadeia de transmissão é essencial para a existência da Comunidade; é o processo de repasse das gerações que permite que as memórias não sejam perdidas ao longo do caminho. Para uma maior compreensão, trago um dos exemplos de cadeia de transmissão em Batoque, que foram essenciais para a geração atual. Maria do Espírito Santo (mãe Paz) teve oito filhos com Joaquim e contou a eles sobre a história da família e ensinou sobre os saberes relacionados com a natureza, os seus oito filhos em especial Francisco Joaquim Cordeiro (Vovô Dandão) e a filha caçula, Maria de Nazaré (Mãezinha Cunhã), que levaram as informações adiante. Atualmente, dentro da comunidade os mais velhos que contam sobre o passado e ensinamentos provindos dessa cadeia são Inácio Raimundo do Nascimento (Inácio Joana), Maria de Fatima do Nascimento, filhos de Mãezinha Cunhã e João Francisco Cordeiro (João Chico), filho de Francisco Joaquim Cordeiro.

O texto de Hampâté Bâ é muito potente no que se refere a essa forma de como as memórias são passadas; o autor analisa e descreve a partir de pesquisas

com povos do continente africano, o que por si mesmo já constitui um grande auxílio para as pesquisas com quilombos, considerando que estamos tratando de povos africanos e seus descendentes em diáspora. Uma das conclusões do autor é que “entre todos os povos do mundo, constatou-se que os que não escreviam possuem uma memória mais desenvolvida” (BÂ, 2010 p 207). Embora concorde e aprecie o texto como um todo e a discussão feita sobre ele na aula, necessito trazer outra autora para pensar esse processo de memória e repasse a fim de dar maior solidez e completude às discussões feitas por ele.

A autora em questão é Leda Maria Martins e seu texto *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória* (2003). O primeiro ponto a que me refiro dentro da obra dela denomina-se “ambientes de memória”, que

[...]é onde constantemente se recriam pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnica e procedimentos de transmissão são meios de criação, passagens e reprodução de saberes” (MARTINS 2003, p 78).

No caso do quilombo, o território como um todo e tudo que acontece dentro dele se configura como um ambiente de memória: os rios, as matas, a capela, as casas, as festas e festejos. Tendo isso em mente,

podemos nos debruçar sobre outro conceito criado por Leda Maria Martins:

O significante a Oralitura, da forma como apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua forma indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como estilete, esse traço cinético inscreve, valores, conceitos visões de mundo e estilo. (MARTINS, 2003 p 77)

Ao criar oralitura, a autora torna muito mais amplo o conceito de oralidade, pois a oralitura vai muito além da emissão da voz, está inserida em um conjunto de gestos e rituais que tornam a performance da memória mais completa, um dos exemplos que trago dessa performance da oralitura, são os rituais de *curar com rezas*. Não basta rezar. A rezadeira na hora de curar não basta saber das rezas ensinadas por suas antepassadas, todo um processo é necessário, começando em identificar qual doença está acometendo a criança, em seguida a colheita das folhas para reza (em geral folhas de pinhão-roxo) o passo seguinte é o posicionamento do paciente, depois começa a vocalização das orações junto com o movimento do corpo que segura as folhas.

Em seus estudos, Martins coloca como destaque o Corpo como um ambiente de memória. Assim, ela diz que:

[...] nas culturas predominantemente orais e gestuais como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance. Como tal esse corpo/corpus não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencenado[...] o corpo, nessas tradições, não é, portanto, apenas, a extensão de um saber reapresentado e nem arquivo de uma cristalização estática ... (MARTINS, 2003 p 78)

A importância do corpo descrita por Leda Maria Martins já tinha sido mencionada em certa medida por Beatriz Nascimento, quando fala do corpo enquanto memória e documento, ambas percebem-no como um espaço de alteridade, lugar de sabedoria. Por fim, destaco o último material proposto na componente curricular e que também dialoga com os conceitos até então discutidos na presente escrita: o filme *Keita: A Herança Do Griot* (KEITA, 1997...). Devo confessar que foi um dos materiais que mais me instigaram dentro da componente curricular, inicialmente, por utilizar uma linguagem audiovisual, com a qual pude ver tanta representatividade, uma obra que faz referência a uma cultura que eu e os meus fazemos parte. O segundo motivo que

prende minha atenção foi o enredo. Por diversas vezes, me senti Mabo, a criança curiosa, ávida por saber do seu passado, da origem do seu nome, da sua ancestralidade, lutando contra um sistema de apagamento que classifica a nossa história como mitos e nossos saberes como atrasados.

O filme nos permite articular reflexões acerca de como a narração das memórias são importantes no processo de fortalecimento das nossas identidades. Trazendo isso para o caso específico dos quilombos, essa tem sido nossa maior e mais antiga estratégia para contra-colonizar. Em determinado ponto do filme, quando o velho Griot contou como os caçadores mataram o búfalo, lembrei de quando meu avô paterno (Paizinho Manoel) contou a mesma história com algumas modificações, para mim e minhas primas: foi uma grata surpresa, que pode ser chamada de coincidência, mas eu prefiro acreditar que foi um encontro das narrativas ancestrais, afinal, por mais que o processo de escravização do país tenha feito de tudo para que esquecêssemos que éramos e quem somos, ainda assim, permanecemos.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os seis meses em que o componente curricular “História, Memória

e Identidade” nos foi ofertado, tivemos acesso a leitura de autoras e autores indígenas, quilombolas, transexuais, malineses, dentre outros, possibilitando a compreensão de que é possível pensar e construir um currículo considerando outros referenciais de mundo, territórios, corporeidades. Afinal, o “gargalo” da permanência das/dos estudantes sejam elas/eles negros, indígenas, quilombolas, LGBTQIAPN+, estrangeiros etc., perpassa a visibilização de referenciais teóricos que dialoguem com suas existências/trajetórias.

Essa vivência de poucos meses demonstra que a universidade pode e deve pensar em um currículo que atenda a pluralidade do público que a frequenta. Um componente curricular não é o suficiente, no entanto, foi essencial para provar que é possível.

Participar desse processo também colaborou para que eu fosse capaz de responder as perguntas iniciais desse relato “– pode uma quilombola falar?” Eu respondo: Eu posso, eu vou, eu escreverei, ainda que no meio do processo surja o medo ou insegurança, ainda assim eu seguirei. Afinal, como já dizia Beatriz Nascimento “É tempo de falarmos sobre nós mesmos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Amadou Hampâté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO, 2010.

DOMELES, Dandara Rodrigues. Palavras Germinantes: Entrevistas com Nego Bispo, **identidade** | São Leopoldo | v. 26, n. 1 e 2 | p. 14-26 | Jan./Dez. 2021 | ISSN 2178-437X disponível em <<http://revistas.est.edu.br/index.php/identidade>>.

KEITA: A Herança Do Griot / Keita! L'héritage GriotDu. Direção de Dany Kouyaté. Produção de Dany Kouyaté. Burkina Faso, 1996. (96 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yzqbaFH14CQ&t=3245s>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1º ed. Cobogó, 2019.

LITERAFRO, **Entrevistas**. Leda Martins. Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VGbsmToL2Pk&t=1292s>>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2022.

MARTINS, Leda. **Performances da oralitura: corpo, lugar da memória**. Letras (Santa Maria). Santa Maria, v, 25, p. 55-71, 2003

_____. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva, 1997

MOURA, Clóvis. **As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira**. Belo Horizonte (MG), Oficina de Livros, 1990.

_____. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. 5ª ed. São Paulo: Anita Garibaldi/Fundação Grabois, 2014.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Beatriz. Historiografia do Quilombo. 1977. In: Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018.

_____. O Conceito de Quilombo e a resistência Cultural Negra. **Afrodíaspóra: Revista de Estudo do Mundo Negro**, Rio de Janeiro, v. 67, p. 41-49, 1985. Trimestral. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/afrodiaspora-vol-6-e-7/>. Acesso em: 10 set. 2021

ÓRI. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Raquel Gerber, 1989. (146 min.), son., color. Disponível em: <https://canalcurta.tv.br/filme/?name=ori>. Acesso em: 11 mar. 2021.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 10. n. 2 (2019), p. 147-166.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza/Imprensa Oficial, 2007.

REIS, João Carlos. **Historiografia e Quilombo na obra de Beatriz Nascimento.** 2019p. Artigo de Conclusão de curso (História-Licenciatura) - Universidade Federal da Integração Latino Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, 2019.

SACRAMENTO, Eleonice Conceição. **Da diáspora negra ao território das águas: Ancestralidade e protagonismo de mulheres na comunidade pesqueira e quilombola Conceição de Salinas-BA.** Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 187f. 2019.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações.** Brasília. INCTI, UnB, 2015.

_____. **A difícil arte da Confluência.** Youtube Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=XZhhs98SVxc&t=793s>> acesso em 08 de Agosto de 2021.